



A Santa Sé

SANTA MISSA EM SUFRÁGIO DOS CARDEAIS, ARCEBISPO E BISPOS
FALECIDOS DURANTE O ANO

HOMILIA DO PAPA BENTO XVI

*Altar da Cátedra da Basílica Vaticana
Quinta-feira, 4 de Novembro de 2010*

(VÍDEO)

Galeria fotográfica

Senhores Cardeais

Amados irmãos e irmãs!

«Se, pois, ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas lá do alto». As palavras que ouvimos há pouco na segunda leitura (Cl 3, 1-4) convidam-nos a elevar o olhar para as realidades celestes. De facto, com a expressão «as coisas lá do alto» São Paulo refere-se ao Céu, porque acrescenta: «onde Cristo está sentado à direita de Deus». O Apóstolo quer referir-se à condição dos crentes, daqueles que «morreram» para o pecado e cuja vida «já está escondida com Cristo em Deus». Eles estão chamados a viver quotidianamente no senhorio de Cristo, princípio e cumprimento de todas as suas acções, testemunhando a vida nova que lhes foi doada no Baptismo. Esta renovação em Cristo verifica-se no íntimo da pessoa: enquanto continua a luta contra o pecado, é possível progredir na virtude, procurando dar uma resposta plena e imediata à Graça de Deus.

Por antítese, o Apóstolo indica depois «as coisas da terra», evidenciando assim que a vida em Cristo impõe uma «escolha», uma renúncia radical a tudo o que — coisas inúteis — mantém o homem ligado à terra, corrompendo a sua alma. A busca das «coisas lá do alto» não significa que o cristão deve descuidar as suas obrigações e tarefas terrenas, mas não deve perder-se nelas, como se tivessem um valor definitivo. A chamada às realidades do Céu é um convite a reconhecer a relatividade do que é destinado a passar, face àqueles valores que não conhecem o desgaste do tempo. Trata-se de trabalhar, de se empenhar, de conceder-se o justo repouso, mas com o desapego sereno de quem sabe que é apenas um viandante a caminho rumo à Pátria celeste, um peregrino; num certo sentido, um estrangeiro rumo à eternidade.

A esta meta última já chegaram os saudosos Cardeais Peter Seiichi Shirayanagi, Cahal Brendan Daly, Armand Gaétan Razafindratandra, Thomáš Špidlík, Paul Augustin Mayer, Luigi Poggi; assim

como os numerosos Arcebispos e Bispos que nos deixaram ao longo deste último ano. Desejo recordá-los com sentimentos de afecto, dar graças a Deus pelos seus dons concedidos à Igreja, precisamente através destes nossos Irmãos que nos precederam no sinal da fé e agora dormem o sono da paz. O nosso agradecimento torna-se oração de sufrágio por eles, para que o Senhor os acolha nas bem-aventuranças do Paraíso. Oferecemos pelas suas almas eleitas esta Santa Eucaristia, estreitando-nos em volta do altar, sobre o qual se faz presente o Sacrifício que proclama a vitória da Vida sobre a morte, da Graça sobre o pecado, do Paraíso sobre o inferno.

Apraz-nos recordar estes nossos venerados Irmãos como Pastores zelosos, cujo ministério foi sempre marcado pelo horizonte escatológico que anima a esperança na felicidade sem sombras que nos foi prometida depois desta vida: como testemunhas do Evangelho, inclinados para viver aquelas «coisas lá do alto», que são o fruto do Espírito: «amor, alegria, paz, magnanimidade, benevolência, bondade, fidelidade, mansidão, domínio de si» (*Gl 5, 22*); como cristãos e Pastores animados por fé profunda, pelo grande desejo de se conformar com Jesus e aderir intimamente à sua Pessoa, contemplando de modo incessante o seu rosto na oração. Por isso eles puderam saborear a «vida eterna», da qual nos fala a página do Evangelho de hoje (*Jo 3, 13-17*) e que o próprio Cristo prometeu a «todo o que nele crer». De facto, a expressão «vida eterna» designa o dom divino concedido à humanidade: a comunhão com Deus neste mundo e a sua plenitude no mundo futuro.

A vida eterna foi-nos aberta pelo Mistério pascal de Cristo e a fé é o caminho para a alcançar. E isto sobressai das palavras dirigidas por Jesus a Nicodemos, referidas pelo evangelista João: «Assim como Moisés ergueu a serpente no deserto, assim também tem de ser levantado o Filho do Homem, a fim de que todo o que n'Ele crer tenha a vida eterna» (*Jo 3, 14-15*). Há aqui uma referência explícita ao episódio narrado no livro dos Números (cf. 21, 1-9), que realça a força salvífica da fé na palavra divina. Durante o êxodo, o povo judeu revoltou-se contra Moisés e contra Deus, e foi punido com a chaga das serpentes venenosas. Moisés pediu perdão, e Deus, aceitando o arrependimento dos Israelitas, ordena-lhes: «Faz uma serpente ardente e coloca-a sobre um poste. Todo aquele que for mordido, olhando para ela, viverá». E assim aconteceu. Jesus, no diálogo com Nicodemos, revela o sentido mais profundo daquele acontecimento de salvação, relacionando-o com a própria morte e ressurreição: o Filho do homem deve ser elevado no madeiro da Cruz para que todo o que n'Ele crer tenha vida. São João vê precisamente no mistério da Cruz o momento no qual se revela a glória real de Jesus, a glória de um amor que se doa totalmente na paixão e na morte. Assim a Cruz, paradoxalmente, de sinal de condenação, de morte, de falência, torna-se sinal de redenção, de vida, de vitória, na qual, com o olhar da fé, se podem entrever os frutos da salvação.

Prosseguindo o diálogo com Nicodemos, Jesus aprofunda ainda mais o sentido salvífico da Cruz, revelando com sempre maior clareza que ele consiste no imenso amor de Deus e no dom do Filho unigénito: «De facto, Deus amou de tal modo o mundo, que lhe deu o seu Filho único». Esta é uma das palavras centrais do Evangelho. O sujeito é Deus Pai, origem de todo o mistério criador e redentor. Os verbos «amar» e «dar» indicam uma acção decisiva e definitiva que expressa a radicalidade com que Deus se aproximou do homem no amor, até à doação total, até ao limiar da nossa última solidão, descendo ao abismo do nosso extremo abandono, ultrapassando a porta da morte. O objecto e o beneficiário do amor divino é o mundo, ou seja, a humanidade. É uma palavra que cancela completamente a ideia de um Deus distante e alheio ao

caminho do homem, e revela, ao contrário, o seu rosto verdadeiro: Ele deu-nos o seu Filho por amor, para ser o Deus próximo, para nos fazer sentir a sua presença, para vir ao nosso encontro e levar-nos ao seu amor, de forma que toda a vida seja animada por este amor divino. O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e doar a vida. Deus não dita leis, mas ama sem medidas. Não manifesta a sua onipotência no castigo, mas na misericórdia e no perdão. Compreender tudo isto significa entrar no mistério da salvação: Jesus veio para salvar e não para condenar; com o Sacrifício da Cruz Ele revela o rosto de amor de Deus. E precisamente pela fé no amor superabundante que nos foi dado em Jesus Cristo, nós sabemos que também a menor força de amor é maior do que a máxima força destruidora e pode transformar o mundo, e por esta mesma fé nós podemos ter uma «esperança certa», a esperança na vida eterna e na ressurreição da carne.

Amados irmãos e irmãs, com as palavras da primeira leitura, tirada do livro das *Lamentações*, pedimos que os Cardeais, os Arcebispos e os Bispos, que hoje recordamos, generosos servos do Evangelho e da Igreja, possam agora conhecer plenamente como «é bom o Senhor com quem n'Ele tem confiança, com a alma que o procura» e experimentar que «com Ele está a misericórdia e nele é abundante a redenção» (*Sl* 129). E nós, peregrinos a caminho rumo à Jerusalém celeste, esperamos em silêncio, com esperança firme, a salvação do Senhor (*cf. Lm* 3, 26), procurando caminhar pelas sendas do bem, amparados pela graça de Deus, recordando sempre que «não temos aqui cidade permanente, mas vamos em busca da futura» (*Hb* 13, 14). Amém.